

EDITORIAL

O segundo número do décimo volume da Revista Comunicação e Informação traz para os seus leitores uma coleção de artigos marcados ao mesmo tempo pela diversidade e pelo reconhecimento dos espaços tradicionais na pesquisa sobre Comunicação e Informação. A Revista Comunicação e Informação está ligada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e ao Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Goiás e, a partir desse número, passa a ser editada por uma comissão editorial composta pelos Profs. Drs. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer, Suely Henrique de Aquino e Lisandro Nogueira, que irão se alternar na editoria da revista.

A mudança vem ao encontro da proposta editorial da revista que tem como objetivo abrir espaço para os pesquisadores da área discutirem as questões centrais dessas áreas, propiciando interlocuções sobre as formas institucionais ou não de reprodução e circulação das práticas culturais, com suas especificidades, mas preservando a sua pluralidade. Uma proposta que também se reflete na amplitude dos estudos incluídos neste número.

Não se trata de uma proposta fácil. Como acontece em várias ciências sociais, o próprio avanço das pesquisas na área multiplica o conhecimento, mas também multiplicam abordagens, teorias, técnicas de pesquisa e a própria temática. Soma-se a isso a própria dinâmica da Comunicação, cujas tecnologias e práticas estão em permanente transformação.

Essa questão torna-se ainda mais relevante quando pensamos no constante surgimento de novos meios de comunicação e novos usos para os meios já existentes. Os modernos processos comunicativos criaram e estão criando novas formas de ação e de interação no mundo social, novos tipos de relações sociais e novas maneiras do indivíduo entender e relacionar-se com o mundo e com ele mesmo, transformando a organização espacial e temporal da vida social, novas maneiras de exercer o poder, que não está mais necessariamente ligado ao compartilhamento local.

No mundo atual, a expressão *“o homem é um ser de relações e não só de contatos, não está apenas no mundo, mas com o mundo”* (FREIRE, 1967: 39) adquire novos significados, uma vez que *“no mundo e com o mundo”*, significa também pensar em novos espaços, virtuais e reais, de interações imediatas ou de recepção dos meios massivos. De fato, o mundo no qual e com o qual vivemos é hoje, predominantemente, trazido até o horizonte de nossa percepção, até o universo de nosso conhecimento, pelos meios de comunicação.

Em função disso, inserindo-se no conceito plural de Ciência da Comunicação como o estudo dos fenômenos da comunicação humana, associados à produção, estocagem e difusão da informação, o que inclui os processos comunicativos no interior das sociedades humanas, tendo como característica principal a interpretação desses processos, em uma relação de reciprocidade e complementação com os meios de comunicação massivos, os trabalhos apresentados nesta Revista incluem desde um inventário retrospectivo dos 60 anos de ensino de jornalismo no Brasil, realizado pelo Prof. Dr. José Marques de Melo, decano no Ensino da Comunicação no Brasil, até uma entrevista com o Antropólogo Dr. Massimo

Canevacci, da Universidade La Sapienza, Roma, autor de livros como *A Cidade Polifônica*, *Antropologia da Comunicação Visual* e, mais recentemente, *Culturas eXtremas*, que fala sobre culturas metropolitanas, novas identidades e transições metodológicas.

A partir dessas múltiplas possibilidades de estudo, é quase natural que o primeiro passo seja a análise das interfaces entre os campos da comunicação e da informação, em um artigo assinado por pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: e pelo inventário retrospectivo dos Cursos de Jornalismo no Brasil, o mais antigo no Brasil entre as atuais habilitações dos cursos de comunicação, é o ponto de partida para uma reflexão do quadro mundial desse campo do conhecimento, das conseqüências da fundação tardia desses cursos no Brasil, analisando como foi construída uma matriz pedagógica de natureza crítico-experimental, hibridizando os modelos europeu e norte-americano, e apresentando propostas para novas possibilidades do ensino do jornalismo que incluam a superação da tradição gutenberiana (hegemonia da mídia impressa), ultrapassem a caricatura balzaquiana (agenda elitista e código excludente) e incluam as maiorias iletradas e os contingentes escassamente educados no mercado consumidor dos produtos noticiosos.

A questão da responsabilidade social, aspecto fundamental para o exercício das atividades do comunicador, também não poderia ser esquecida, é abordado no artigo do doutorando em Ciências da Comunicação pela Unisinos (RS), Juciano de Sousa Lacerda, que propõe a reavaliação do conceito de responsabilidade social, principalmente quando é apropriado pelas empresas jornalísticas e de entretenimento midiático, no que diz respeito ao problema da concentração dos meios, fortalecimento do entretenimento e da liberdade de “empresa” contra a liberdade de expressão.

Outro tema presente que igualmente diz respeito à responsabilidade das empresas midiáticas é a questão da representação racial, apresentadas no artigo de Farrah Bérroube, que discute a pesquisa realizada sobre a representação inadequada da diversidade cultural nos Estados Unidos e Canadá, que enfoca particularmente como as mídias perpetuam estereótipos raciais; no artigo de Juliana Santos Botelho, que propõe um debate sobre o problema das práticas de perfilamento racial tal como empregado pelas forças policiais no Brasil e na Inglaterra, a partir de dois casos envolvendo brasileiros (Jean Charles de Menezes e Flavio Ferreira Sant’Ana) que foram alvo de intensa cobertura midiática no Brasil; e no artigo da Professora Rosa Berardo, que faz uma análise dos estereótipos e preconceitos utilizados nas representações dos indígenas brasileiros no cinema de ficção.

Sob uma perspectiva diferente, o cinema também está no centro do debate nos artigos de Carolina Figueiredo, que trata das imagens do cinema em *1984* e *Admirável Mundo Novo* e de como estas se relacionam com os sistemas históricos nos quais seus autores se inspiraram para produzi-las; e no trabalho de Paula Rodrigues Marino, que apresenta perspectivas sobre os estudos da memória e a sua relação com o cinema e os meios de comunicação, discutindo conceitos de enquadramentos da memória e a memória irada, além de outras estratégias discursivas.

Esperamos que os debates acolhidos neste número possam ajudar estudiosos da comunicação em todos os níveis, ao mesmo tempo valorizando estudos tradicionais e apresentando novas perspectivas dos diferentes fenômenos comunicacionais em todas as suas dimensões discursivas. É sobre este prisma

que levamos aos leitores os trabalhos aqui apresentados, de antemão sabendo que esse conjunto não representa um trabalho finalizado, pois o nosso propósito é antes iniciar debates, abrir espaço para questionamentos e para novos estudos, motivando sempre pesquisadores e estudantes para a realização de outros trabalhos. Desejamos assim que a leitura que agora se inicia seja igualmente o começo de novas percepções sobre a comunicação e novos os estudos sobre este campo.

Boa leitura

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Editora

Suely Henrique de Aquino

Sub-editora